

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

40 anos de “Raízes do Brasil”

EDILBERTO COUTINHO

—A contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade. Essa afirmativa de Sérgio Buarque de Holanda se tornou tão famosa quanto o livro que a contém, seu “Raízes do Brasil”, volume inicial da coleção



Sérgio Buarque de Holanda, desenho de Luís Jardim

Documentos Brasileiros, da Editora José Olympio, em 1936. Agora, quarenta anos depois, surge a nona edição da obra que, para o crítico Antônio Cândido, “se tornou um clássico de nascença”.

**(Depoimentos de Antônio Cândido,
Gilberto Freyre e Afonso
Arinos de Melo Franco)**

O “homem cordial” seria o “homem bom”? Sérgio Buarque de Holanda diz referir-se, usando uma expressão do escritor e diplomata Ribeiro Couto, a certas virtudes “brasileiras”, tão decantadas por estrangeiros que nos visitam, como a hospitalidade, a generosidade, que representam “com efeito, um traço definido do caráter brasileiro”, “em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e

to histórico. Mais ainda: em plena voga das componentes lusas avaliadas sentimentalmente, percebeu o sentido moderno da evolução brasileira, mostrando que se processaria conforme uma perda crescente das características ibéricas, em benefício dos rumos abertos pela civilização urbana e cosmopolita, expressa pelo Brasil do imigrante, que há quase três quartos de século vem modificando as linhas tradicionais.

do Brasil”, entre os quais o VII — “Nossa revolução” — “bastante compacto e que precisa ser lido com senso de subentendidos, pois a composição reduz ao mínimo os elementos expositivos. O seu movimento consiste em sugerir (mais do que mostrar) como a dissolução da ordem tradicional ocasiona contradições não resolvidas, que nascem ao nível da estrutura social e se manifestam no das instituições e idéias políticas.”

patriarcal". Para o autor de "Raízes do Brasil", seria engano supor que essas virtudes possam significar "boas maneiras", civilidade. "São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante", diferente da civilidade, em que "há qualquer coisa de coercitivo", pois "ela pode exprimir-se em mandamentos e em sentenças". Sérgio Buarque de Holanda adverte que o termo "cordial", conforme está implícito no seu texto, deve ser tomado em seu sentido exato e estritamente etimológico. Nesse sentido, ele faz questão de ressaltar o equívoco do poeta Cassiano Ricardo, que usa o termo "homem cordial" para referir-se ao cidadão dos aperitivos, das "cordiais saudações", "que são fechados de cartas tanto amáveis como agressivas" e se antepõe à cordialidade entendida como "capital sentimental" dos brasileiros, que será a bondade e até mesmo certa "técnica da bondade", "uma bondade mais envolvente, mais política, mais assimiladora."

Sérgio Buarque de Holanda acrescenta, para frisar melhor a diferença entre as idéias que sustenta em "Raízes do Brasil" e algumas interpretações que, no uso que faz da expressão "cordialidade" se eliminam, deliberadamente, os "os Juízos éticos e as intenções apologéticas a que parece se inclinar o Sr. Cassiano Ricardo", quando prefere falar em *bondade* ou em *homem bom*".

— Essa cordialidade — diz o autor de "Raízes do Brasil" — que é estranha, por um lado, a todo formalismo e convencionalismo social, não abrange, por outro, apenas e obrigatoriamente, sentimentos positivos e de concórdia. A inimizade bem pode ser tão "cordial" como a amizade. Uma e outra nascidas do coração, procedem, assim, da esfera do íntimo. Do familiar, do privado. A inimizade, quando pública ou política, se chamará mais precisamente, hostilidade.

PSICOLOGIA E HISTÓRIA SOCIAL

Comentando esta edição comemorativa dos quarenta anos de "Raízes do Brasil", Antônio Cândido ressalta o mérito do medo utilizado por Sérgio Buarque de Holanda, "que repousa sobre um jogo de oposições e contrastes, sem dogmatismos..."

— Num momento em que os intérpretes do nosso passado ainda se preocupavam sobretudo com os aspectos de natureza biológica, manifestando, mesmo sob a aparência do contrário, a fascinação pela "Raça", herdada dos evolucionistas, Sérgio Buarque de Holanda puxou a sua análise para o lado da psicologia social, com um senso agudo das estruturas.

Prossegue Antônio Cândido:

— Num tempo ainda banhado de indizível saudosismo patriarcalista, Ele sugeriu que, do ponto de vista metodológico, o conhecimento do passado deve estar vinculado aos problemas do presente. E, do ponto de vista político que, sendo o nosso passado um obstáculo, a liquidação das "raízes" era um imperativo do desenvolvimen-

Preocupado em esclarecer o significado de "Raízes do Brasil", lembra Antônio Cândido que seu autor deu-nos instrumentos para discutir os problemas de organização sem cair no louvor do autoritarismo e atualizou a interpretação dos caudilhismos, que então se misturavam às sugestões do fascismo, tanto entre os integralistas (contra os quais é visivelmente dirigida uma parte do livro) quanto entre outras tendências, que dali a pouco se concretizariam no Estado Novo. "Com segurança, afirmou estarmos entrando naquele instante da fase aguda da crise de decomposição da sociedade tradicional. O ano era 1936. Em 37, veio o golpe de Estado e o advento da fórmula ao mesmo tempo rígida e conciliatória, que encaminhou a transformação das estruturas econômicas pela industrialização. O Brasil de agora deitava os seus galhos, ajeitando a seiva que aquelas raízes tinham recolhido."

Antônio Cândido destaca o interesse fundamental de alguns capítulos de "Raízes

COLEÇÃO DOCUMENTOS BRASILEIROS

(alguns títulos)

- "Raízes do Brasil", Sérgio Buarque de Holanda.
- "Memórias", Oliveira Lima.
- "Nordeste", Gilberto Freyre.
- "O outro Nordeste", Djacir Meneses.
- "O índio brasileiro e a revolução francesa", Afonso Arinos de Melo Franco.
- "O romance brasileiro", Olívio Montenegro.
- "História de dois golpes de Estado", Otávio Tarquínio de Sousa.
- "Marcha para o Oeste", Cassiano Ricardo.
- "Introdução à Geografia das Comunicações Brasileiras", Mário Travassos.
- "Formação da sociedade brasileira", Nelson Werneck Sodré.
- "Folclore dos bandeirantes", Joaquim Ribeiro.
- "Aparência do Rio de Janeiro", Gastão Cruls.
- "História da literatura brasileira", Luís da Câmara Cascudo.
- "História e tradições da cidade de São Paulo", Ernâni Silva Bruno.
- "Caminhos e fronteiras", Sérgio Buarque de Holanda.
- "Minha formação", Joaquim Nabuco.
- "A democracia coroada", João Camilo de Oliveira Torres.
- "Retrato do Brasil", Paulo Prado.
- "Do sindicato ao Catete", Café Filho.
- "Geopolítica do Brasil", General Golbery do Couto e Silva.
- "História e projeção das instituições culturais do Exército", Umberto Peregrino.
- "O problema da alimentação", Francisco Pompeu de Amaral.
- "A palavra e o tempo", José Américo de Almeida.
- "A língua portuguesa e a unidade do Brasil", Barbosa Lima Sobrinho.

Gilberto Freyre foi o professor da primeira edição de "Raízes do Brasil", que escolheu para volume inicial da coleção "Documentos Brasileiros", da Editora José Olympio, coordenada por ele do primeiro volume ao 18.º, depois por Otávio Tarquínio de Sousa — até o 110º — e daí em diante por Afonso Arinos de Melo Franco. Desde a "Carta" de Pero Vaz de Caminha, os chamados "estudos brasileiros" constituem um capítulo fundamental de nossa literatura, com importantes coleções como a "Brasiliana", da Companhia Editora Nacional, e esta "Documentos Brasileiros", formando um gênero, na interpretação do Brasil, que é paralelo à História e a Sociologia e que pode ser denominado de "prosa de idéias" ou, num sentido mais amplo, de "ensaísmo". Escolhendo "Raízes do Brasil", de Sérgio Buarque de Holanda, para volume inicial da coleção "Documentos Brasileiros", ressaltou Gilberto Freyre que o autor "é uma daquelas inteligências brasileiras em que melhor se exprimem não só o desejo como a capacidade de analisar, o gosto de interpretar, a alegria intelectual de esclarecer..."

Sérgio Buarque de Holanda não é o autor de um livro só. A propósito dos quarenta anos de "Raízes do Brasil", diz Afonso Arinos de Melo Franco:

— Uma coisa é certa. Passar-se-ão muitos anos antes que um outro escritor brasileiro apresente obras que ultrapassem "Raízes do Brasil", "Visão do paraíso" ou este admirável e tão pouco falado (não sei por quê) "Do Império à República".

Afonso Arinos recorda o amigo "de há meio século, que mudou, nos meus vinte anos, a concepção da literatura e me abriu novos caminhos à curiosidade intelectual. É com saudade que me lembro do Sérgio daqueles anos de Faculdade, do seu monóculo, da sua extraordinária informação, da sua zombeteira capacidade de decifrar os enigmas que nos cercavam. Os moços que então éramos, já não existem. Mas hoje existe Sérgio Buarque de Holanda, que teve o privilégio de descobrir, mal apontou, e que é um dos nossos maiores, em qualquer tempo."

Sobre a coleção "Documentos Brasileiros", afirma Afonso Arinos:

— Constitui um dos maiores monumentos da cultura nacional... A geografia, a história política, a história literária, a crítica, a sociologia, a biotipologia e a caracteriologia, a história das idéias, a filosofia, o folclore, o urbanismo, a interpretação sociopsicopolítica, a evolução da técnica e do trabalho, a biografia, a história administrativa, a etnografia, a colonização, a miscigenação, a história religiosa, a história militar, a história econômica e, finalmente, as memórias, eis o vasto campo, pode-se dizer a totalidade do Brasil no seu corpo, na sua alma, na sua cultura, na sua evolução, nas suas esperanças...